VÍDEOS DIGITAIS EM LÍNGUAS DE SINAIS: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DA VISUALIDADE PARA A COMPREENSÃO DA SURDO-MEMÓRIA NASCENTE.

Propostores: Cristiane Correia Taveira e Luiz Alexandre da Silva Rosado
Período de execução prevista do projeto: de abril de 2019 a abril de 2022
Grupo de Pesquisa “Educação, mídias e comunidade surda” (criado em 2015)

1. INTRODUÇÃO

No quadriênio 2015-2019, nosso Grupo de Pesquisa esteve focado na educação bilingue de surdos (Libras / Língua Portuguesa) e nas estratégias acadêmico-didáticas para alcançá-la, intuindo as novas tecnologias digitais – artefatos contemporâneos e seus produtos derivados – como um dos vetores centrais nas práticas que envolviam o alfabetismo/letramento visual (v. Taveira & Rosado, 2013; Taveira, 2014; Taveira & Rosado, 2016; Rosado, Sousa & Nejm, 2017\(^1\)).

Tendo como estratégia central a metodologia da pesquisa-ação (Thiollient, 2011), enfrentando problemas práticos do cotidiano educacional do INES/DESU e DEBASI (Taveira & Rosado, 2018; Taveira & Rosado, 2015), o grupo alcançou algumas de suas metas que hoje servem de base para a elaboração deste projeto\(^2\). Focaremos a atual pesquisa a partir dos resultados obtidos em uma de nossas frentes de trabalho, em que

---

\(^1\) Um inventário completo de publicações dos líderes do grupo de pesquisa pode ser encontrado ao final deste projeto.

\(^2\) O grupo de pesquisa, formado por docentes, discentes, discentes bolsistas, intérpretes e assistentes desenvolveu projetos de extensão e aplicação em sala de aula no curso de graduação em Pedagogia do DESU que atendiam a ideia inicial de experimentação e catalogação de práticas pedagógicas e artefatos tecnológicos pertinentes à educação bilingue de surdos (pesquisa-ação). Entre elas estão: oficinas efetuadas à comunidade em geral sobre produção e criação de vídeo digital, oficina de conceitos de fotografia digital e oficina com noções de design (campo da mídia educação aplicada à surdez); oficina de criação de monografias/textos acadêmicos em Libras; criação/adaptação com alunos da graduação e posse de comitês de criadores histórias para crianças surdas do DEBASI usando os princípios de leitura compartilhada (Shared Reading Program); normalização e consequente construção de seis monografias em Libras com alunos do DESU; produção junto a alunos surdos e ouvintes do curso de Pedagogia do DESU de sete curtas-metragens e quatro vidéos-queques; produção de informes bilingues para TV do DESU. Estas experimentações em sendo narradas e analisadas em diversos artigos publicados pelos dois líderes do GP ao longo dos últimos anos (vide inventário bibliográfico ao fim deste projeto) e os materiais produzidos são disponibilizados no site do GP ao endereço [https://edunidiascomunidadesurda.wordpress.com/](https://edunidiascomunidadesurda.wordpress.com/).
realizamos um primeiro impulso de catalogação e análise de artefatos fílmicos produzidos por e para surdos, em que se desenvolveu conjuntamente estudos teórico-conceituais nos campos das artes, do design e da semiótica.

Entre inúmeras produções visuais ofertadas pela comunidade surda na internet (charges, histórias em quadrinhos, pinturas, grafismos), realizamos uma imersão gradual e específica em vídeos digitais com fins predominantemente educacionais, culturais e informativos disponíveis na internet e produzidos por sujeitos surdos e não-surdos. Nosso objetivo foi, ao coletá-los, armazená-los e analisá-los, investigar materialidades que se apresentam nos registros em vídeo (fílmicos) usando língua de sinais, através do qual se desenvolvem formas próprias de pensar e conceber (representar) o mundo por esta comunidade.

Com esta imersão, inspirados nos estudos das artes, da semiótica e do design que realizávamos (Taveira & Rosado, 2013), conceituarmos tipologias e estruturas visuais próprias destes vídeos (proponemos uma gramática visual), o que nos permitiu generalizá-las, através da construção de uma iconografia própria, para outros vídeo-artefatos semelhantes (Rosado & Taveira, 2019, no prelo). Pensamos haver uma ligação forte entre surgimento de condições materiais para a produção destes vídeos (Era Digital) e o uso social e cultural destes objetos técnicos, ou seja, o momento que vivenciamos hoje com a expansão do formato digital, da rede internet e das mídias ópticas portáteis (celulares, tablets e filmadoras) permite à comunidade surda construir todo um acervo próprio em vídeo, disponível em repositórios na internet como YouTube e Facebook, que registra, fixa e difunde sua língua preferencial/patrimonial (Felipe, 2012a; Felipe, 2012b).

Sendo nosso interesse a comunidade surda e os seus usos coletivos das mídias ópticas digitais, focamos em seus produtos visuais fílmicos e, consequentemente, na forma como produzem condições novas de registro, que permitem o enfrentamento de antigas limitações típicas das línguas visuais (gestuais) e orais (faladas), como a estocagem e a produção de revisões, correções e acréscimos em suas próprias mensagens armazenadas em vídeo, agora digitais.

---

3 Nosso percurso, tanto de publicações próprias originais quanto de estudo de bibliografia específica, pode ser encontrado em nosso site e também ao final deste projeto, em lista bibliográfica de nosso programa de estudos para o próximo triênio.

4 Os resultados deste estudo serão publicados em breve em um artigo em revista científica, nesse momento em processo de avaliação pelos pares, sob o título provisório "Proposta de uma gramática visual para descrição e análise composicional de vídeos digitais em línguas de sinais".

5 Uma ampla análise histórica das técnicas ópticas e as mídias geradas a partir delas, do ponto de vista europeu desde a Alta Idade Média até o século XX, pode ser encontrada em Kittler (1999).
Durante nosso primeiro projeto de pesquisa no INES (2015-2019), criamos um mapeamento de sete elementos visuais básicos a partir de quadros de vídeo capturados (frames) que resultou em quase duzentas combinações destes elementos (mais detalhes serão discutidos a frente). Este processo resultou na proposta de uma gramática visual para vídeos em linguas de sinais (Taveira & Rosado, 2019, no prelo), nos permitindo prever e especular possíveis variantes composticionais dos vídeos pertencentes à coleção de artefatos que integram uma surdo-memória em constante crescimento.

Em suma, estamos hoje diante de um fenômeno contemporâneo de circulação, significação e consumo massivo de produtos filícios resultantes de um pensamento surdo que se externaliza através dessas inscrições⁶, que está além da produção de uma cultura própria, mas fundamentalmente na disponibilidade material de novas próteses tecnológicas digitais de comunicação⁷ que permitem a existência, manutenção e transformação desta cultura.

Nosso interesse foi direcionado para a materialidade dos objetos técnicos de comunicação utilizados por surdos e não-surdos usuários de línguas de sinais em sua performance ( câmeras digitais, editores de vídeo digitais e disponibilização em repositórios de vídeo digitais), ou seja, o registro por meio de artefatos imagéticos ou mídias ópticas, de diferentes matizes, gêneros e suas misturas possíveis no formato vídeo. É esse enfoque adotado nos últimos anos em nosso GP que pretendemos aprofundar neste projeto de pesquisa aqui apresentado.

2. PREMISSAS DO PROJETO

Nos deteremos em produções visuais digitais disponíveis na rede internet, junto a uma reflexão teórico-conceitual sobre a formação do pensamento e sua relação com a imagem/visualidade/representação, assim como as consequentes correlações com o campo de estudos da educação de surdos em que a imagem estática e em movimento surgem como protagonistas e também como esperança através do letramento visual. Para isso, temos algumas premissas iniciais a partir das quais desenvolveremos nossa pesquisa:

⁶ Um conceito amplo de inscrição/escrita e a luta através do tempo pela fixação humana de sua história em objetos técnicos, buscando sua mortalidade, pode ser encontrado no cap. 2 de Flusser (2016).

⁷ McLuhan (2001) é autor marcante na área da comunicação social que entrela os meios de comunicação como extensões dos sentidos e capacidades comunicacionais do corpo humano. Um exemplo seria a televisão, que expande a capacidade humana de enxergar, indo além do plano local. Autores como Lévy (1993), Derrick de Kerckhove (2009) e Lúcia Santaella (2010) deram continuidade a este tipo de pensamento, sendo que para eles nossa mente e nossa ambíngua foram alteradas ao longo dos últimos milênios por ondas tecnológicas sucessivas, ou seja, as tecnologias de informação e comunicação alteram o corpo de quem as utiliza e o território em que se estabelecem.
1. A necessidade de *distanciamento analítico* de organizações e objetos consagrados de uma comunidade já estruturada (comunidade surda), que tem suas tradições e que enfrenta condições e exigências emergentes de armazenamento de suas criações em novas mídias visuais e repositórios de vídeos digitais.

2. A percepção que os vídeos coletados e catalogados em nosso GP são produtos semióticos que exercem funções similares à linguagem verbal escrita e falada (texto alfabético e oralidade) dos ouvintes. São produtos criados na atuação da comunidade surda (surdos e não-surdos) diante de câmeras que *substituem o uso da escrita linear como centro do registro e da comunicação*.

3. A necessidade de compreensão das *formas de registro* do autor/leitor de linguagem de sinais (suas notações), externalizadas em imagens e vídeos com diferentes graus de linearidade, que *atualmente possuem poucas margens para notações e refazimentos* quando comparadas com a escrita alfabética.

4. A continuidade da catalogação e análise de produtos multimodais*8* (Kress & Van Leeuwen, 1996; Kress, 2010) em vídeo digital, de suas variadas camadas e laminações que permitem revisões do próprio pensamento em língua de sinais, confrontando esses achados empíricos a um esforço de conceituação nas áreas de pedagogia visual, cultura visual e estudos da visualidade.

**3. OBJETIVOS DA PESQUISA PARA O TRIÊNIO 2019-2022**

Na busca da decodificação dos produtos visuais/filmes resultantes da atividade da comunidade surda, algumas arestas nos escaparam em nosso esforço inicial durante a execução do primeiro projeto de pesquisa entre 2015 e 2019 (Taveira & Rosado, 2015), principalmente a conceituação de constructos rotineiramente utilizados por estudiosos da área, em um momento que a pesquisa-ação (atendimento à necessidade de registros acadêmicos dos alunos) e a aplicação de projetos experimentais e extensionistas (ações de alfabetismo midiático pela mídia-educação) eram prioritários.

Buscaremos agora preencher estas lacunas através de dois objetivos fundamentalmente entrelaçados:

1. **Primeiro objetivo, o conceitual (revisão de literatura):** aprofundar noções provenientes dos campos da *arte*, do *design gráfico*, da *semiótica*, da *cultura visual*

---

*8 Textos multimodais são aqueles que, em uma só composição voltada a uma finalidade comunicacional especifica, reúnem simultaneamente textos escritos, imagens, vídeos e sons, como a multimídia dos softwares e a hiperíndia das páginas que acessamos na internet, tornando mais complexo o que convencionou-se chamar letramento.*
(visual culture), da pedagogia visual (visual pedagogy), dos estudos da visualidade e das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs / ICTs), procurando compreender aspectos da formação contemporânea do pensamento da pessoa surda através da produção material midiática (fílmica) desta comunidade, partindo de uma ampla revisão de literatura sobre estes temas (ver bibliografia ao final com plano inicial previsto de leituras).

2. **Segundo objetivo, o material-concreto (produto técnico):** oferecer aos estudiosos do campo da surdez um catálogo de destaque visual e elementos constitutivos de uma gramática visual dos vídeos em língua de sinais que está em elaboração desde o primeiro projeto, e a ser publicado, futuramente, em formato de um manual técnico, cujo primeiro esboço será publicado na forma de artigo ainda este ano (Rosado e Taveira, 2019, *no prelo*). Para isso, serão enumeradas invenções concretas, e seus apelos criativos, aliado a uma reflexão teórica sobre dilemas a serem enfrentados para a significação coletiva desses materiais fabricados na/com/pela comunidade surda.

4. **JUSTIFICATIVA DA PESQUISA**

Em um primeiro momento de nossa pesquisa, consideramos o estudo dos formatos (a “forma” do binômio forma-conteúdo), com o resgate e valorização dos elementos constitutivos da linguagem visual e de estratégias de ensino-aprendizagem mais visuais (gramática visual, alfabetismo/letramento visual e pedagogia visual), catalogados desde as décadas de 50, 60 e 70 por estudiosos dos campos da Psicologia, da Arte e do Design (Leborg, 2015 [2004]; Dondis, 2007 [1973]; Arnheim, 1992 [1954, 1974]).

Historicamente, o interesse destes estudos são consequência direta do aumento da presença da pintura, do desenho e da fotografia ao longo do século XX (artes visuais), com a expansão progressiva da reprodução técnica da imagem em veículos de comunicação, a chamada indústria cultural (Benjamin, 1987), presente na massificação de jornais, livros e revistas⁹; assim como a intenção de extrapolar a falsa ideia de que *basta ter bons olhos* para se compreender e descrever obras de arte, o que prescindiria de um aprendizado e desenvolvimento deste olhar (alfabetismo/letramento visual). Apesar

---

⁹ Esse aumento da presença da imagem e dos recursos técnicos de produção e circulação de imagens, a revolução visual marcada pela revolução do digital, gera nas árvores 90 e que foi chamado na área das humanidades de “virada pictórica”, se opondo ao que anteriormente foi chamado de “virada linguística”, ou seja, uma recusa de explicações e descrições de mundo geradas somente a partir dos meios verbais/escritos de comunicação. O “retorno do icônico” e os estudos da imagem tem como autor central W. J. T. Mitchell e o contexto de seu surgimento pode ser consultado no artigo de Halina Rotot “The visual culture and visual thinking” dentro da coletânea “Visual Thinking – Visual Culture – Visual Pedagogy” (Rotot e Śniadkowski, 2014).
da também crescente presença de vídeos reproduzidos na TV e no Cinema, o interesse gramatical destes autores sobre elementos da visualidade se atreve muito mais às mídias estáticas e às variações e relações destes elementos, o pode ser adaptado para os quadros estáticos (frames) capturados de um vídeo.

Em nosso projeto anterior (Taveira & Rosado, 2015), contamos com catalogação inicial de acervo em vídeos a partir de encontros com membros e integrantes do nosso GP “Educação, mídias e comunidade surda” do INES. Para as análises desenvolvemos uma ficha-padrão contendo quatorze categorias, sendo aquela relativa aos efeitos de edição e pós-produção de vídeo a que mais se destacou na busca por uma gramática visual.

Analisamos um conjunto de produções didáticas, acadêmicas, informativas e culturais, em formato vídeo digital, em que a língua de sinais é a língua central e os surdos são o público-alvo. Apontamos com este mapeamento as bases para a construção de uma gramática visual, visando dar suporte a produtores de vídeos em línguas de sinais com fins educacionais, artísticos-literários e informativos-jornalísticos, oferecendo também a catalogação de algumas soluções originais encontradas neste espaço digital emergente.

Descrevemos, em um primeiro momento, as diferentes disposições, relações e variações dos elementos básicos detectados nos vídeos em Libras\(^\text{10}\). Os elementos são uma proposta inicial de definição de unidades básicas de composição de um vídeo em língua de sinais. Com eles, podemos criar uma representação icônica do vídeo, abstrairindo e reduzindo o vídeo a seus elementos básicos com representações gráficas simples posicionadas proporcionalmente na tela, entendendo com clareza suas relações e variações e prevendo combinações possíveis, mas ainda não utilizadas.

Conforme traçamos em nosso primeiro objetivo de pesquisa (conceitual), no estágio atual dessa proposta de pesquisa, consideramos o aprofundamento do estudo dos formatos (tratamento empírico dos vídeos coletados ainda por fichar e do conteúdo das fichas já produzidas) em paralelo com a revisão de literatura nacional e internacional necessária que nos permita elaborarmos fundamentos conceituais, que envolvam arte, design, semiótica, cultura visual (imagem) e tecnologias de informação e comunicação (TICs), e os aspectos da formação do pensamento da pessoa surda e das chamadas pedagogias visuais (e surdas).

\(^{10}\) Propomos sete elementos, a saber: (1) o ator / intérprete sinalizante; (2) o ator / intérprete usando língua oral; (3) o texto ou a massa textual; (4) a ilustração/imagem, gráfico ou fotografia; (5) a legenda em língua oral escrita alfabética; (6) o cenário natural ou fundo artificial; e (7) o vídeo menor sobre o vídeo principal.
E de acordo com nosso segundo objetivo de pesquisa (material-concreto), consideramos ter realizado um primeiro passo importante, mas que ainda precisa ser mais sistematizado e ampliado com a imersão analítico-empírica em novos vídeos do nosso acervo de materiais filmicos já capturados e a aplicação da nossa proposta de gramática visual em espaços de produção de vídeos em línguas de sinais para validação dos elementos até agora encontrados e suas combinações catalogadas (aplicação e experimentação em ambientes reais, a pesquisa-ação de acordo com Thiollent, 2011).

5. CLARÕES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

I. VISUALIDADE

A partir da ideia de gramática visual desenvolvida por Dondis (2007 [1973]) para as imagens estáticas (não-filmicas), resgatada em uma releitura sintética através de representações visuais por Christian Leborg (2015 [2004]), procuramos descrever os elementos constituintes básilares de vídeos voltados à comunidade surda, que são fundamentalmente imagens em movimento. Tessituras e descoesturas de artefatos filmico-culturais, que mesmo não sendo fator unicamente determinante nas pedagogias visuais, foram considerados centrais nessa comunidade pela rápida e ampla circulação das línguas de sinais proporcionadas por eles, o que nos demanda um olhar atento e de conjunto, através da decodificação em camadas técnicas e conceituais, para a teorização necessária desse campo.

Apesar desta divisão estanque apresentada em um breve projeto, concordamos com a concepção tríádica das matrices de linguagem proposta por Santaella (2005) em que características da linguagem verbal podem se manifestar nas categorias visuais e sonoras, assim como o visual também por vezes é basilar em textos escritos, mais evidente em gêneros como o poético e o romance ficcional em que formamos imagens mais ou menos detalhadas em nossas mentes ao percorrer um texto. Por outro lado, estamos cientes também de que uma imagem pode ser um argumento (Mateus, 2016), ou seja, apresentar premissas e tese central, estruturas típicas do texto linear escrito (verbal).

Logo, é preciso, para além de um estudo de vídeos filmicos produzidos pela comunidade surda em línguas de sinais, um estudo do significado da imagem e sua relação com expressões verbais estritas (o texto escrito), e a forma como ambas (expressão visual
e expressão verbal) contribuem para a construção do pensamento e suas representações mentais sobre o mundo\(^\text{(11)}\).

**II. SURDO-MEMÓRIA**

Como sabemos, na verdade, que esses grandes escritores (inclusive, o das sagradas escrituras) não teriam preferido filmar ou gravar seus textos? (Flusser, 2010 [1987], p. 14).

Vilém Flusser (2010 [1987]) nos traz a concepção de uma escrita manual e impressa que, em um primeiro momento, paulatinamente colaborou para a descentração da oralidade a-histórica circular, com a construção de um novo acervo de memória para a humanidade através de bibliotecas, arquivos, museus, nos levando à concepção de uma memória-história linear\(^\text{(12)}\). O mesmo caminho está sendo percorrido agora com as línguas de sinais, que constroem na internet acervos voltados à comunidade surda e não-surda usuária dessas línguas, que propomos chamar de *surdo-memória*, pouco dependente da escrita alfabética em sua expressão e comunicação, mas com estrutura narrativa muito próxima, em língua de sinais, à matriz verbal.

O processo de amadurecimento da revolução de Gutenberg e sua prensa tipográfica durou, ao menos, quatro séculos (XVII ao XX), conforme nos narra detalhadamente Burke (2003). No tempo presente, estamos vivendo um renascimento visual da cultura e comunicação surda, através do compartilhamento crescente de vídeos, acumulados digitalmente em curto período, cerca de 20 anos, a partir da expansão da Web 2.0 (O’Reilly, 2005), das câmeras digitais em smartphones e tablets e dos sites-acervos-redes sociais (*YouTube*, *Facebook*, *Vimeo*, entre outros). As mídias ópticas digitais (Kittler, 2016) construíram a materialidade para o *renascimento visual* (e cultural) desta comunidade, um “retorno ao pictórico” agora plenamente aproveitado pelos surdos.

Vilém Flusser, um pensador radical das mídias, então prevê que as novas mídias analógicas e digitais terão a potência de sobrepor, ou mesmo substituir, diversos usos até então associados à escrita, como a produção de conhecimentos científicos, as discussões

\(^{11}\) Uma discussão completa sobre a relação imagem e texto e as formas de representação do pensamento é encontrada no artigo de Mitchell (1984), autor pioneiro da “virada pictórica”.

políticas, o fazer poético e a construção filosófica, uma radical sobreposição e anulação da escrita não muito afeita a pensadores mais ponderados como Mitchell (1984).

III. MÍDIAS ÓPTICAS

Acreditamos que o momento é propício para se analisar uma reconfiguração do cenário midiático com a introdução de mídias ópticas digitais e a forma como a escrita alfabética é repensada e desafiada por uma comunidade surda-estrangeira em relação à oralidade ouvinte predominante. Repensar o cenário midiático e desafiar noções estabelecidas é um legado flusseriano a que recorremos. Segundo a visão flusseriana (2013), seria caminhar no sentido de reformular a percepção, pois a experiência no mundo passa a ser regida por outros códigos e convenções, por linguagens e projetos capazes de reformular a percepção e não somente a paisagem.

E em breve síntese: a permanência dessas mensagens em suportes digitais visuais nos inspira a detalhar sua gramaticalidade visual com suas regularidades e sua potência para a construção de uma pedagogia visual. Em novo impulso, pretendemos continuar a mapear, descrever e, mais profundamente, conceituar estes elementos. Estamos diante de uma forma de comunicação diferente daquelas baseadas na linearidade da comunicação escrita alfabética, embora herde em maior ou menor grau suas características verbais, se seguiremos a ideia de matrizes de linguagem de Santaella (2005). Essa radicalidade do outro-surdo nos é imposto na materialidade comunicacional que envolve as línguas de sinais na contemporaneidade, línguas estas que são mobilizadas por corpos sinalizantes que se põe diante de lentes que os capturam e registram.

VI. MANUAIS DE VOO

A teorização flusseriana como uma das inspirações, mas não a única, já que recorreremos a uma revisão de literatura sobre as pedagogias visuais e cultura visual, área essa também inserida e pertinente à mídia-educação (letramento/alfabetismo visual), nos mostra que nossas atividades de exercício de experimentação são propostas em sintonia com futuro. Em uma primeira etapa, como já informado, nós detivemos a uma certa materialidade e seu elo de ligação entre suportes (objetos), práticas e processos mediadores - e vinculadores das formas de comunicação dos surdos e não-surdos-, mas nessa segunda etapa, esperamos nos aprofundar em conceituações visando a continuidade e aprofundamento desta reflexão.

O recorte escolhido, para esta revisão bibliográfica, inclui a coleta de artigos, capítulos de livros, dissertações ou teses sobre os temas imagem, semiótica, comunicação,
surdez e visualidade e pedagogias visuais / cultura visual. Os estudos conceituais que culminavam em manuais de ações práticas e discussões teóricas focadas em procedimentos, foram duramente criticados na área da Educação nos anos 1980 e rotulados de estudos tecnicistas. Ainda hoje ambicionamos cumprir a função de tradutores de conceitos em ações práticas, em projetos (Hernández & Ventura, 1998), porém se tratando de processos variados de comunicação, tal como ocorre entre a comunidade surda - e outras “formas de vida” -, insistimos em retratá-la em sua pluralidade de expressão.

---

13 Artigos, livros dissertações e teses que foram organizados no final do projeto sob os títulos leitura principal e leitura complementar.
V. GRAMATICALIDADES

É nesta ambigüidade extremamente rica e original que procuramos uma gramática e pedagogias mais visuais, não aquela circunscrita aos textos escritos, já há muito explorada e amadurecida pelos linguistas, mas de produções registradas na forma de vídeos e que usam uma forma de comunicação nativamente viso-gestual: a(s) língua(s) de sinais. Nesse ponto estamos de acordo com Leborg (2015 [2004]), quando ao pensar sobre a potência de sua gramática visual nos diz: “nós pensamos de maneira diferente quando temos uma linguagem para descrever o que pensamos” (p. 5).

A visualidade, e a consequente experiência visual, é tema hoje fundamental no campo de estudos da Educação de Surdos, sobretudo pelo uso das línguas de sinais como línguas viso-espaciais (não orais) em que o uso do corpo e do olhar são predominantes na comunicação, mas também pela busca de maior entendimento a respeito do desenvolvimento da aprendizagem escolar através do uso de recursos visuais (Luckner, Bowen & Carter, 2001; Lebedeff, 2010), especialmente no formato vídeo (Karnopp, Klein & Lunardi-Lazzarin, 2011; Lebedeff, 2014).

A gestualidade surda contrasta com a educação ouvinte, baseada, em grande parte, na comunicação através da fala oral e da massa de textos escritos. A visualidade tem maior potência de manifestar-se e ser materializada em categorias/artefatos como imagens fotográficas, pinturas, gráficos, infográficos, tabelas, mapas mentais, desenhos, maquetes, esculturas e filmes em que o texto escrito linear, o elemento verbal baseado na língua oral, não é o centro predominante da organização das informações e expressão dos conteúdos.

VI. MATERIALIDADES

Esse corpo do surdo é um ato inventivo, mas que tomamos como uma materialidade híbrida a objetos técnicos ópticos, que gera estados comunicacionais de um comunicante terrestre que é tido como estrangeiro ou alienígena para os que naturalizaram o ser ouvinte. Os modos de armazenamento e decodificação desses materiais pelos surdos e sua comunidade é predominantemente filmico. Os elementos desses vídeos variam em alguns aspectos em cada composição e são mobilizados, mesmo que intuitivamente, a cada nova criação.

Assim surgiu a ideia de produzirmos um catálogo de destaque visual que está em elaboração para publicação em livro/manual. Porém, se faz necessário amadurecermos as referências com aporte pedagógico, das artes, da comunicação e das
áreas de educação e o recorte na mídia-educação. É o que se propõe fazer ao longo deste projeto no próximo triênio.
6. LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE LITERATURA POR TEMAS

A. INVENTÁRIO DE PUBLICAÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA


Nas leituras previstas a seguir, sublinhamos com fundo cinza as que consideramos principais e, portanto, prioritárias, assim como aquelas leituras já realizadas e consideradas importantes para o desenvolvimento do atual projeto de pesquisa.

B. LEITURAS PREVISTAS

**Comunicação Social/ Filosofia da comunicação / Estudos da mídia:**


Educação bilíngue de surdos:

História da escrita:

Imagem / Gramática visual / Arte / Design:


Metodologia da pesquisa / Análise da imagem:


Pedagogia Visual / Letramento visual / Cultura visual / Surdez e visualidade:

Produção de vídeo:
Semiótica / Multimodalidade:

**Cronograma previsto de execução da pesquisa para o triênio 2019-2022**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Atividades / Trimestres</th>
<th>2019</th>
<th>2020</th>
<th>2021</th>
<th>2022</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>2º</td>
<td>3º</td>
<td>4º</td>
<td>1º</td>
</tr>
<tr>
<td>Estudo dirigido dos autores de nossa revisão de literatura prevista (estudo dos líderes do grupo e de textos selecionados para debate com integrantes do grupo).</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Coleta de produções filmicas declaradamente voltadas à educação bilíngue de surdos.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Utilização de instrumento de análise de produções filmicas voltadas à educação bilíngue de surdos, baseado na literatura estudada e na empiria coletada.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Armazenamento, análise, e classificação das produções filmicas a partir do instrumento de análise de dados criado pelo grupo.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Eritida dos resultados ou filmagem teórico-metodológica a partir dos dados obtidos na aplicação do instrumento de análise das produções filmicas.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Plano de atividades dos alunos bolsistas**

**PLANO DE ATIVIDADES DO ALUNO BOLSISTA 1**

**Período de execução do plano (1 ano a 3 anos)**

1. Dinamização de Oficinas - Ajudar os pesquisadores-líderes do grupo e seus membros no planejamento, organização e execução das atividades/oficinas internas e externas, estando presentes durante a realização das mesmas.

a. Agendamento de Auditório, de Laboratório de Informática ou estádio, de acordo com as necessidades de equipamentos.

b. Auxílio ao professor no desenvolvimento de glosas ou giosinais para os slides e/ou instruções e roteiros destinados aos surdos.
2. Construção e Aplicação de Instrumento de Análise - Participar, ativamente, da construção dos instrumentos de análise dos artefatos visuais e métodos coletados durante a pesquisa, a partir da literatura estudada pelo grupo de pesquisa.

3. Participar da construção, em Libras, de vídeos voltados ao público surdo, participando desde a elaboração do roteiro/glosas, até a gravação e definição dos formatos de edição, como forma de aplicação prática dos conceitos de pedagogia visual, gramática visual, cultura visual e visualidade debatidos no grupo de pesquisa.

PLANO DE ATIVIDADES DO ALUNO BOLSISTA 2
Periodo de execução do plano (1 ano a 3 anos)

1. Dinamização de Oficinas - Ayudar os pesquisadores-líderes do grupo e seus membros no planejamento, organização e execução das atividades/oficinas internas e externas, estando presentes durante a realização das mesmas.

   a. Ayudar os pesquisadores-líderes do grupo e seus membros no planejamento, organização e execução das atividades/oficinas estando presentes durante a realização das mesmas.

   b. Elaborar sínteses das discussões com professores, assistentes educacionais, alunos e tradutores-intérpretes durante os encontros promovidos pelos pesquisadores-líderes do grupo de pesquisa.

2. Armazenar e classificar os artefatos visuais comerciais e não comerciais profissionais, produzidos externamente, e declaradamente voltados à educação bilíngue de surdos e trazidos pelos membros do grupo de pesquisa para análise.

   a. Ayudar os pesquisadores-líderes do grupo e seus membros a coletar, armazenar e classificar os artefatos visuais e métodos produzidos pelos sujeitos participantes da pesquisa em suas atividades educacionais no INES. Os artefatos deverão ser registrados em fotografias e os métodos sistematizados em textos/fichas de anotações. Este trabalho pode ser diluído ao longo dos meses/anos de trabalho.

   b. Ayudar, ativamente, da construção dos instrumentos de análise dos artefatos visuais e métodos coletados durante a pesquisa, a partir da literatura estudada pelo grupo de pesquisa.

3. Participar da construção, em Libras, de vídeos voltados ao público surdo, participando desde a elaboração do roteiro/glosas, até a gravação e definição dos formatos de edição, como forma de aplicação prática dos conceitos de pedagogia visual, gramática visual, cultura visual e visualidade debatidos no grupo de pesquisa.

Rio de Janeiro, março de 2019

Cristiane Correia Taveira           Luiz Alexandre da Silva Rosado